

3 - Jean-Jacques Courtine

o percurso de um agrimensor

Renan Belmonte Mazzola

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

MAZZOLA, RB. Jean-Jacques Courtine: o percurso de um agrimensor. In: *O cânone visual: as belas-
artes em discurso* [online]. São Paulo: Editora UNESP; Cultura Acadêmica, 2015, pp. 97-116. ISBN
978-85-7983-671-8. Available from: doi: [10.7476/9788579836718](https://doi.org/10.7476/9788579836718). Also available in ePUB from:
<http://books.scielo.org/staff/book/id/bywgd/attachs/9788579836718.epub>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

3

JEAN-JACQUES COURTINE: O PERCURSO DE UM AGRIMENSOR

Entre Pêcheux e Foucault, estão os trabalhos de Jean-Jacques Courtine. Com um percurso extenso de produção intelectual nas ciências humanas, Courtine produziu obras de diferentes naturezas nas quais podemos observar, contudo, uma fidelidade a determinados princípios. Destacamos, para compor este capítulo, as reflexões sobre a história da análise do discurso na França. Nelas, Courtine postula a necessidade de alargar o enfoque desse campo do saber apontando as sucessivas reorganizações pelas quais passou o discurso político na sociedade contemporânea. A partir dessas aberturas teóricas, foi possível o estudo de diferentes naturezas de discursos.

Uma escrita da história da análise do discurso

Jean-Jacques Courtine é um dos principais críticos e continuadores da análise do discurso feita na França enquanto Pêcheux ainda produzia, e também após sua morte. Segundo Gregolin (2006b, p.5, grifo do autor), “J.-J. Courtine sempre foi um pensador inquieto, inconformado com as localizações fixas. Nunca quis afirmar-se linguista ou historiador: buscou as duas coisas ao mesmo tempo (e,

talvez, nenhuma delas), fazendo *análise do discurso* e situando-se, portanto, em um campo de fronteiras instáveis”. A partir de meados dos anos 1990, Courtine afasta-se, em alguma medida, do lugar institucional atribuído à análise do discurso na França, pelo fato de discordar de alguns trabalhos dedicados a sua vulgarização¹ e da metodologia mobilizada em novas pesquisas da área.²

É importante ressaltar que os deslocamentos realizados por J.-J. Courtine na teoria discursiva não remetem apenas aos desenvolvimentos desse campo teórico após a morte de M. Pêcheux, mas no próprio diálogo que mantinha constantemente com ele.

Já estava em curso, nesse início dos anos 1980, aquilo que Courtine vai denominar como *mudações das discursividades*: mudanças históricas e políticas que reclamavam deslocamentos teóricos. E ele falará, insistentemente, em seus textos, sobre essa necessidade. Mais do que isso, apontará os movimentos da memória e do esquecimento que envolveram, na França, o projeto político da análise do discurso depois do desaparecimento de Michel Pêcheux. E mostrará essas metamorfoses como novas exigências (teóricas e políticas) a serem incorporadas aos percursos da análise do discurso. (Gregolin, 2006b, p.5, grifo do autor)

Courtine é um autor indispensável na compreensão da história da análise do discurso. A partir de seus trabalhos “podemos, assim, acompanhar as questões essenciais que animaram o aparecimento, o desenvolvimento e a suspensão de um projeto, determinados pelas mudanças políticas do cenário francês” (Gregolin, 2006b, p.6). A compreensão dessa “interrupção” – ou mesmo “fim” – do projeto teórico dessa análise do discurso na França, conduz ao

1 Cf. Maingueneau (:1987).

2 Courtine refere-se ao abandono da perspectiva histórica em alguns trabalhos em análise do discurso, como é o caso do estudo das nominalizações no *corpus* (1961-1966) do discurso político soviético em que não se mencionam as condições de formação dos discursos analisados (Courtine, 2006, p. 42). Cf. Sériot (1986, p. 11-42).

melhor entendimento de seu florescimento (com suas devidas especificidades) em outras geografias, como acontece no Brasil, por exemplo, onde a análise do discurso inicia-se no momento em que é “suspensa” na França, em razão da abertura política do início dos anos 1980 no território brasileiro. Courtine fala a partir de três lugares, conforme elenca Gregolin (2006b, p.5-6, grifo do autor):

I) do lugar de quem participou, junto com Michel Pêcheux, da constituição de um campo teórico instável, ele faz a **história** e a **crítica da Análise do Discurso**;

II) do lugar de quem enxerga, a partir dos anos 80, as transformações e a necessidade de deslocamentos, ele analisa as mudanças do discurso político a partir das desconstruções das **línguas de madeira**;

III) do lugar de quem esteve, durante quinze anos, na América e pode olhar as transformações das sensibilidades políticas nos dois lados do Atlântico (Estados Unidos e França), ele fala **das mutações das discursividades políticas**.

Desses três lugares de fala, evidentes em seus trabalhos, podemos então encontrar elementos para a compreensão da história da análise do discurso, dos deslocamentos realizados em sua teoria e das mutações de seu principal objeto, o discurso político. Muitas dessas mutações foram fortemente influenciadas pela emergência da mídia.

Um primeiro ponto a ser discutido é a questão da análise do discurso enquanto prótese de leitura. “Tomei como ponto de partida a seguinte tese: a análise do discurso é uma prática da leitura dos textos políticos, e até mesmo um pouco mais: *uma política da leitura*” (Courtine, 2006, p.9, grifo do autor). Nesse sentido, o projeto teórico da AD visava romper com o mito religioso da leitura. O texto não se dá a ler em sua transparência, mas deve ser alcançado por meio de sua opacidade. Pretendeu-se retirar do sujeito-leitor o privilégio da visão, e a ensinar a re-ler, isto é, a adentrar as camadas superficiais do texto com vistas a atingir o cerne de seu discurso.

Esse princípio começou, ao longo dos tempos, a sofrer numerosas críticas:

Esses *corpora*, escritos de natureza doutrinária, são frequentemente extraídos do discurso político francês contemporâneo, com uma predileção insistente pelos discursos dos partidos da esquerda francesa, algumas incursões no discurso pedagógico ou científico e nos trabalhos de historiadores que se inscrevem em uma duração mais longa, geralmente centrados na revolução francesa. (Courtine, 2006, p.11)

Os discursos dos partidos de esquerda, analisados por militantes dos partidos de esquerda, cria o que Courtine (2006, p.10) chama de “um redobramento infinito do campo especular no interior da estrutura, narcisismo da estrutura, quarto de espelhos. Mas quem lê, então, *O capital*? Não Althusser, mas a própria estrutura de *O capital*.” Não é preciso dizer mais nada: a análise do discurso encontrou um problema de base, latente nos anos 1968-1970, dominados pelos acontecimentos de maio de 1968: a luta de classes reinava na teoria. As condições de produção das quais a própria análise do discurso se serviu para sua emergência e consolidação foram as responsáveis por fazer submergir essa contradição, em um tempo de multiplicação de releituras, de grandes manobras discursivas. Para Courtine (2006, p.12), “os linguistas que fazem AD são na maioria (ou foram) militantes políticos de partidos de esquerda. Professores e militantes...”. A análise do discurso, tomada enquanto política da leitura, é regida por uma *pedagogia da verdade*. Em linhas gerais, para Marcellesi (apud Courtine, 2006, p.13-14), na superfície dos textos, haveria ambiguidades de superfície que permitem leituras plurais por parte do cidadão. Dessas leituras, uma, a verdadeira, possível do ponto de vista linguístico, é assimilável no quadro da ideologia dominante, e está censurada. Dessa reflexão, Courtine extrai as seguintes consequências:

- a AD é uma prática da leitura dos textos políticos

- essa prática é constituída por uma montagem de dispositivos linguísticos que vêm sanar uma deficiência, ou uma incapacidade dos leitores dos discursos políticos; ela supõe a leitura ou a compreensão de uma falta, o que M. Pêcheux (1981, p.5) denominou como “a imbecilidade dos selvagens da política”. Em uma palavra: é uma *prótese linguística* realizada por uma *pedagogia da verdade* (Courtine, 2006, p.14, grifo do autor).

Assim, citando N. Boukharine (1971), Courtine questiona por que os óculos vermelhos são melhores que os óculos brancos, ou ainda, por que a ciência proletária é superior à ciência burguesa? Constata-se, portanto, que o marxismo faz ver vermelho. No fim de seu texto, *O professor e o militante*, Courtine (2006) pergunta-se se “é preciso continuar a fazer AD?”, e responde afirmativamente, acrescentando que o termo “discurso” parece tocado pela inflação, e é preciso evitar a tendência formalizante dos gramáticos do discurso, bem como deve-se fazer as contas do que se perdeu com a redução distribucional baseada em Harris.

Cabe sublinhar que as mutações vividas pela análise do discurso não se originaram na teoria, mas em seu próprio objeto que se alterava e exigia, por conseguinte, adaptações teóricas. Essas mutações eram reflexo das condições de produção que englobavam a produção de pesquisas nesse campo, cujo momento mais crítico coincidiu com a morte de Pêcheux:

Janeiro de 1984. *Morte de um filósofo*. O *Le Monde* anuncia o desaparecimento de Michel Pêcheux. Uma data ou duas, algumas palavras, algumas linhas, no final de uma página... [...] Da mesma maneira, o laço que unia universitários e intelectuais a uma forma de organização da vida política se desfazia brutalmente. Eles não deixavam a política: era mais a política que se distanciava deles. Alguns sentindo um estranho alívio, envolto de amargura, outros uma profunda turbulência diante de uma liberdade insuportável por não ter sido desejada [...]. Alguns se calam, então, e se afastaram sem barulho; outros foram discutir em outro lugar; outros, ainda, decidiram descobrir o que eles nunca tinham deixado de

saber na medida em que se obstinavam a querer ignorá-lo. (Courtine, 2006, p.30, grifo do autor)

Pêcheux, cuja obra estende-se por cerca de quinze anos, era sensível às mudanças sociais que vinham ocorrendo na França com relação à perspectiva política, por isso reformulava sua teoria constantemente. Nos Estados Unidos, o desinteresse dos cidadãos pela política já era evidente desde os anos 1970: “O discurso político está em crise nas sociedades ocidentais. Nos Estados Unidos, o desinteresse dos cidadãos com relação aos casos públicos recobre, há vinte anos, uma perda de confiança progressiva dos americanos com suas instituições governamentais”³ (Courtine, 1990, p.152, trad. nossa). Uma tal reconfiguração de seu objeto, fortemente influenciada pela dissolução da União Soviética, da queda do muro de Berlim, da globalização, da formação dos grandes blocos econômicos, do fim das grandes narrativas⁴ etc. interfere seriamente nos próprios princípios considerados fundantes para a análise do discurso dos anos 1960/70: o trabalho teórico celebrado na fusão histórica da teoria marxista e do movimento operário, o que resultou no discurso comunista funcionando somente como memória comemorativa, “que repete tão impeturbavelmente alguns enunciados quanto exclui outros no esquecimento” (Courtine, 2006, p.30).

Esses fatores levaram à suspensão de um projeto, na França. Ao menos, do projeto que se dedicava ao discurso político como objeto privilegiado, totalmente identificado com o marxismo, tendo a linguística como referência metodológica essencial na análise do texto. Para Courtine (2006, p.31, grifo do autor), esse projeto “parecia *de agora em diante ter tomado um fim*, ao menos sob as formas que eram então as suas”. A despolitização do corpo social conduziu inevitavelmente ao recuo ou refluxo da análise do discurso, em função dos

3 Le discours politique est en crise dans les sociétés occidentales. Aux États-Unis, le désinvestissement des citoyens vis-à-vis des affaires publiques recouvre depuis une vingtaine d’années une perte de confiance progressive des Américains envers leurs institutions gouvernementales.

4 Cf. Lyotard (1998).

temas do recuo ou refluxo do político. A página foi virada, e chegou a época dos agrimensores. De toda forma, a análise do discurso não desapareceu totalmente nesse período, mas ressurgiu com outras especificidades, talvez um bocado distante de seu projeto inicial, talvez melhorada e mais produtiva... Na França, sobretudo, ela parece ter atualmente outra face, difícil de reconhecer num primeiro momento, principalmente para o estudioso que se habituou a trabalhar com a análise do discurso nos anos 1960/70.

No domínio da análise do discurso, certas maneiras de trabalhar parecem, então, terem quase desaparecido. E notadamente uma concepção de trabalho teórico, à qual Pêcheux tinha dado uma contribuição essencial, que consistia em uma *desterritorialização* das disciplinas, em particular, a linguística e a história. [...] Essa tensão, que durante muito tempo M. Pêcheux soube manter em seu trabalho, de agora em diante se torna uma carta fora do baralho. (Courtine, 2006, p.34, grifo do autor)

Surgiram então grupos, alguns efêmeros, outros mais perenes, que se dedicaram à gestão de um patrimônio disciplinar, cujo título mesmo tornou-se objeto de disputa: análise do discurso. Na França dos anos 1960 e 1970, esse campo do saber ocupava um lugar visível de referência. No Brasil, após a época dos agrimensores na França e por conta de seu reflorescimento em território nacional, os estudos que se denominavam análise do discurso ramificaram-se em numerosas vertentes, de diversas naturezas. Por isso é imprescindível, a cada vez que se falar de análise do discurso, começar por especificar em qual de suas vertentes se estabelece a pesquisa. Ressaltamos ainda, segundo Courtine (2006, p.36), que

não se trata de lamentar que análise de discurso seja, atualmente, diferente do que ela foi, mas lembrar ainda a que ela atribuiu a função crítica que de hoje em diante parece ter perdido, não

esquecer qual foi a sua predileção: o texto como “objeto político – pois não há outro”.⁵

Sentimos, em nosso trabalho, a dificuldade de trabalhar com uma teoria em constante mutação. No entanto, são esses lugares entreabertos que nos permitiram refletir sobre as pinturas e suas releituras, ou seja, permitiram-nos olhar para um objeto que, além de exigir uma reflexão sobre a materialidade imagética em um aparato teórico, exige reflexão sobre os meios de circulação que lhe dão corpo.

O observador das metamorfoses

Por meio da obra de Courtine, particularmente do texto *Les glissements du spectacle politique*⁶, podemos acompanhar as mutações que o discurso político sofreu por conta da mídia emergente. Nesse contexto, Courtine alerta para a necessidade de se considerar, além dos enunciados verbais do discurso político, também:

- i. A voz do homem político (entonação e impostação).
- ii. A imagem do homem político (seu corpo e seus gestos).
- iii. O meio de circulação do discurso político (palanque, rádio, tevê).

Acreditamos que a discussão em torno das materialidades discursivas – além da materialidade verbal, evidentemente – como objeto da análise do discurso pêcheutiana só foi possível graças à midiatização⁷ da política, ou seja, da popularização dos meios de comunicação de massa para a transmissão dos programas políti-

5 Referência a Barthes (1987).

6 Tradução brasileira “Os deslizamentos do espetáculo político”. Cf. Gregolin (2003).

7 Utilizar o termo “espetacularização”, aqui, seria inadequado, pois antes da transmissão da fala do político pelas mídias, consideramos que o discurso proferido no palanque representava, em alguma medida, um espetáculo. Talvez também o tenha sido na agora.

cos. Consideramos, portanto, que o papel da mídia na sociedade ocidental foi um fator essencial para os deslocamentos realizados no campo da análise do discurso no que concerne à abordagem não só do texto ou da fala como materializações verbais do discurso político, mas também de outros sistemas de signos que contribuem, sem seu conjunto, para a produção de efeitos de sentido diversos.

Embora o rumo tomado pela análise do discurso, após a morte de Michel Pêcheux (no Brasil e na França), tenha contemplado outras espécies de discursos além do discurso político, foi somente em função dessa espécie de discurso em particular – que passou do palanque para o rádio, do rádio para a televisão e, mais atualmente, para a internet – que emergiu a necessidade de compreender os outros sistemas de signos, ou, em outras palavras, as outras materialidades nas quais se estabelece o discurso. Assim, foi em razão somente das mutações das formas de percepção do homem político e de seu discurso que foi possível a aparição de uma semiologia histórica no campo da análise do discurso.

A pesquisa de Courtine, publicada na *Langages* 62, dará continuidade ao processo de análise e reconfiguração da teoria discursiva. Courtine tem um papel crucial nas reformulações do aparato teórico da análise do discurso e na formulação da semiologia histórica. Reforçamos aqui ao menos três fatores que legitimam a posição ocupada por ele: a) ele foi membro do grupo de Michel Pêcheux; b) ele apresentou as contradições presentes na teoria discursiva pêcheutiana ao alertar para o fato de que o discurso comunista era analisado pelos próprios comunistas, e trouxe contribuições da obra de Michel Foucault para a análise do discurso com vistas a explicar tais contradições – seus resultados foram publicados no número 62 da revista *Langages* (Courtine, 1981), que ganhou o célebre prefácio de Pêcheux (1981a), intitulado *O estranho espelho da análise do discurso*; c) o próprio Pêcheux reconhecia o lugar de Courtine nos avanços da análise do discurso.⁸

8 Na nota de rodapé número 24 do livro *O discurso: estrutura ou acontecimento*, de 1983, lê-se: “Para maiores detalhes sobre o desenvolvimento atual da análise

Atravessando o pensamento desses dois autores (Pêcheux e Courtine, simultaneamente), está o de Michel Foucault ([1969] 2007), em cuja definição de enunciado já se encontra prevista a dimensão semiológica.

Antes, é preciso sublinhar duas fendas na teoria discursiva pêcheutiana, por meio das quais se pode entrever uma preocupação com os elementos que significam além ou ao lado da verbalização:

- As inquietações e indicações presentes nos últimos textos de Michel Pêcheux (1981c; 1990b; 1998; 2002; 2007; 2012), no que concerne às mídias e aos deslizamentos da prática política;
- Os desenvolvimentos da análise do discurso presentes nos trabalhos de Jean-Jacques Courtine (1987a; 1987b; 1988; 1989; 1990; 1991a; 1991b), em que, a partir de 1987 em diante, nota-se a inclinação em direção às mutações do discurso político e encontra-se frequentemente em suas páginas a advertência de que é preciso estudar a fala silenciosa dos rostos, dos corpos e dos gestos no jogo da fala pública.

Além dessas duas fendas, alertamos para a existência de uma outra, que esteve em contato com as duas anteriores: o método arqueológico.

- A consideração da natureza semiológica do enunciado, presente em *A arqueologia do saber*, contribui para a abordagem de objetos sincréticos (fotografias, propagandas, pinturas, cinema etc.), sem que se perca o vínculo com o elemento histórico da análise do discurso.

A partir, portanto, de um recorte de sete textos de Courtine,⁹ procuramos compreender as mutações da fala e do homem públi-

de discurso na França, ver os números 4 e 6 da revista *Mots*, e o conjunto da coletânea já citada, *Matérialités discursives* (em particular os artigos de J.-J. Courtine e J.-M. Marandin 'Quel Objet pour l'Analyse de Discours?' e de A. Lecomte 'La Frontière Absente'). Ver igualmente J.-M. Marandin 'Approches Morphologiques en Analyse de Discours'" (Pêcheux, 2002, p. 64).

⁹ *Corps, regard, discours* (Cf. Courtine, 1987a); *Histoire du visage* (Cf. Courtine e Haroche, 1988); *Corps et discours* (Cf. Courtine, 1989); *Les glissements du spectacle politique* (Cf. Courtine, 1990); *Le discours introuvable* (Cf. Courtine,

co. Nesses textos, observamos as *démarches* da análise do discurso a partir 1983 (morte de Pêcheux) segundo Courtine, o qual, ao nosso ver, representa um dos mais importantes influenciadores dos rumos tomados pela análise do discurso desde a publicação de seus trabalhos na *Langages* 62.

Consideramos *Les glissements du spectacle politique*, publicado no n. 164 da revista *Esprit* em 1990, um texto de enorme importância para os desenvolvimentos da teoria discursiva, pois alerta para as relações estabelecidas entre o discurso político e a figura do homem público. Dessa maneira, três hipóteses são formuladas:

- i. o discurso político escrito, principal objeto da AD desde sua fundação, cede espaço para outros elementos que significam no enunciado político;
- ii. a popularização das tecnologias de comunicação de massa é contemporânea da dissolução das multidões;
- iii. a mídia torna-se o principal meio de veiculação do discurso político.

Propomos explorar mais detalhadamente esse texto de Courtine, com vistas a melhor compreender os contextos que conduziram às transformações profundas sentidas pela análise do discurso. Retornemos uma vez mais aos anos 1970, nos Estados Unidos, onde se inicia o movimento de incredulidade dos cidadãos com relação aos discursos políticos. “Une vingtaine d’années”. Courtine retrata a condição dos Estados Unidos e da França nesse movimento, perceptível a partir dos anos 1970, e que, sublinhamos, não parou em 1990, mas até hoje é fortemente sentido: o sentimento de descrença. Pêcheux viveu nesse período do início do movimento de descrença político-eleitoral. Em outras palavras, o momento em que a análise do discurso foi formulada, em 1969, apresentava maior efervescência política do que aquele encontrado no início dos anos 1980. A política torna-se cada vez mais um mercado, ilustrado pelo *marke-*

1991a); *Le corps et ses langages* (Cf. Courtine, 1991b). *Metamorfoses do discurso político: derivas da fala pública* (Cf. Courtine, 2006).

ting eleitoral. Courtine escreve esse texto com o objetivo de mostrar que há alterações na percepção do homem político de 1950 a 1990.

No banco dos acusados, um nome retorna com insistência, e teria valor de explicação: a televisão, e seus efeitos perversos. As imagens corrompem as palavras, a política-espetáculo deforma o debate de ideias. A democracia estaria doente de sua comunicação. A explicação é muito simples para se perceber a generalidade da crise, e é muito fácil para dar conta de sua complexidade; pode-se conceber no entanto que uma causa seja formulada: a televisão é o lugar e o meio de uma mutação profunda da eloquência política. [...] Ela cede lugar a estilos de comunicação radicalmente novos.¹⁰ (Courtine, 1990, p.153, grifo nosso, trad. nossa)

Ocupar o banco dos acusados não significa que a tevê deve necessariamente ser a única responsável das mutações da eloquência política: ocupar o banco dos acusados significa que se deve analisar as acusações. Para tanto, Courtine apresenta-nos cinco fatores que foram acentuados com a emergência e popularização das tecnologias de comunicação de massa: a) o declínio dos monólogos; b) a conversação-espetáculo: *life-style politics*; c) a dispersão das multidões; d) a pacificação do corpo e bemolização da voz; e) teatro político, violência simbólica. Comentaremos brevemente cada um deles, pois a partir desses cinco fatores derivaram muitas discussões sobre a imagem no campo da análise do discurso.

Primeiro fator. *O declínio dos monólogos*. Segundo Courtine (1990), o descrédito dos cidadãos com relação aos discursos políti-

10 Au banc des accusés, un nom revient avec insistence, qui aurait valeur d'explication: la télévision, et ses effets pervers. Les images corrompent les mots, la politique-spectacle dénature le débat d'idées: la démocratie serait malade de sa communication. L'explication est trop simple pour rendre compte de la généralité de la crise, trop facile pour dire sa complexité; on peut concevoir cependant qu'une telle raison soit avancée: la télévision est le lieu et le moyen d'une mutation profonde de l'éloquence politique. [...] Elle laisse la place à des styles de communication radicalement nouveaux.

cos desenvolveu-se, na França, a partir de 1970, com a crítica anti-totalitária das “línguas de madeira” (*langues de bois*) e estendeu-se ao longo dos anos 1980 a toda forma longa e monológica de fala pública. Observa-se, pois, uma transformação da “língua de madeira” para a “língua de vento”. A língua de madeira representa toda fala pública que se constitui de formas longas, monológicas, períodos longos, arcaísmos, ambiguidades, formas opacas, alusivas e mentirosas. A língua de vento, por outro lado, contém as formas breves, fórmulas, pequenas frases, retórica despojada, sintaxe liminar (de início de frase, introdutório).

Com a valorização dessas formas novas, observamos também o fim dos programas políticos, das enumerações intermináveis de proposições, das dissertações políticas etc. Essas formas não surtirão mais efeito. Trata-se menos de explicar ou convencer que de seduzir ou apanhar o público-eleitor. A fala pública, ao longo da história, adaptou-se às exigências de sua época. Entre essas exigências, devia-se, a partir de 1950, adaptar os conteúdos dos discursos aos aparelhos radiofônicos e televisuais de informação. “O reino das formas breves é assim o primeiro fator dessas transformações recentes da fala pública”¹¹ (Courtine, 1990, p.154, trad. nossa).

A crise do discurso político, crescente a partir de 1970, deve-se, segundo o autor, a: a) perda da confiança dos cidadãos; b) abstenção eleitoral; c) fortalecimento do comércio (*marketing*) eleitoral; d) desabamento do sistema comunista. Para Courtine (1990), esses elementos são atravessados por um paradoxo: ao mesmo tempo em que há o desabamento do sistema comunista, há também o triunfo celebrado da democracia. Isso quer dizer que há, de um lado, as pessoas que se juntam para debater e votar em massa; e de outro, um sentimento de adormecimento da democracia no Ocidente, a deserção dos cidadãos, a usura dos homens e a rotina dos discursos. Na busca pelas causas desses fatores arrolados, convencionou-se

11 Le règne des formes brèves est ainsi le premier élément de ces transformations récentes de la parole publique.

colocar a tevê no banco dos acusados: “as imagens corrompem as palavras”.

Segundo fator. *A conversação-espetáculo: life-style politics*. Nos vinte anos tratados por Courtine, ocorre a emergência, desenvolvimento e triunfo do gênero de conversação em política, isto é: o diálogo na fala política, a conversa com o eleitor. O *talk show* triunfa. E a isso, soma-se a transformação do homem privado em personagem público. Para Courtine (1990, p.155, trad. nossa), “a fala pública consiste de certo em sustentar os balanços e traçar os programas, mas também consiste em murmurar seus gostos literários ou culinários a um jornalista biógrafo sob o tom da confidência. Seja você mesmo”.¹² A partir da metade dos anos 1970, a fala política invade cada vez mais a tela da tevê, e a política “se banaliza em pequenas coisas cotidianas, enuncia-se em propósitos ordinários, dissemina-se em traços ínfimos da fisionomia”¹³ (Courtine, 1990, p.155, trad. nossa). Aliada a todo o conteúdo, está a imagem, agora (re)transmitida pelos aparelhos de tevê presentes nas salas de estar das famílias americanas.

Indissociável do discurso, a imagem vem qualificar ou desqualificar os conteúdos, medir seus impactos, soldar seus efeitos. Uma das consequências mais marcantes do desenvolvimento de uma tecnologia da comunicação política terá sido de modificar a relação entre enunciação do discurso e espetáculo do corpo falante, em proveito deste último. [...] As tecnologias audiovisuais da comunicação política promoveram toda uma pedagogia do gesto, do rosto, da expressão. Elas fizeram do corpo um objeto-farol, um objeto central da representação política. É como se passássemos de uma

12 La parole publique consiste certes à dresser des bilans et tracer des programmes, mais aussi à murmurer ses goûts littéraires ou culinaires à un journaliste biographe sur le ton de la confidence. *Be yourself*.

13 Se banalise dans les petites choses quotidiennes, s'énonce dans les propos ordinaires, se dissémine dans les traits infimes de la physionomie.

política do texto, veículo de ideias, a uma política da aparência, geradora de emoções.¹⁴ (Courtine, 1990, p.156, trad. nossa)

A semiologia histórica, formulada nesse período por J.-J. Courtine, não propõe direcionar as análises do texto para a imagem, mas sim propõe observar, além do texto, o corpo (a voz, o gesto, a aparência) do homem político. Portanto, a semiologia histórica, em seu início, a partir da análise do discurso pêncheutiana, vislumbra a possibilidade de observar, ao lado do discurso verbal, os signos corporais no momento da enunciação política. Assim, temos que o discurso político é a soma da fala com a voz, o gesto e a aparência na produção de efeitos de sentido.

Terceiro fator. *A dispersão das multidões*. Trata-se das diferenças entre o orador tradicional e do orador que deve se pronunciar a partir das tecnologias de comunicação de massa. O orador antigo estava em contato com cada um, quando todos estavam juntos. Era a multidão, situação clássica de *foule politique*. Hoje, as multidões não se deixam mais convocar para as cenas políticas, mas sim para as cenas esportivas. Para Courtine (1990, p.157, trad. nossa), “o barulho das multidões políticas ocidentais parece se apagar pouco a pouco”.¹⁵ A dissolução da multidão política é contemporânea das tecnologias de comunicação de massa. Antes, escutávamos o orador político; agora, o vemos.

Sem dúvida, a invenção do microfone provocou profundas alterações na eloquência política. Concebemos, pois, duas espécies de eloquência: a primeira, antes da invenção do microfone, o que fazia

14 Indissociable du discours, l'image vient qualifier ou disqualifier les contenus, en mesurer l'impact, en souder les effets. Une des conséquences les plus marquantes du développement d'une technologie de la communication politique aura été de modifier le rapport entre énonciation du discours et spectacle du corps parlant, au profit de ce dernier. [...] Les techniques audiovisuelles de communication politique ont promu toute une pédagogie du geste, du visage, de l'expression. Elles ont fait du corps un objet-phare, un enjeu central de la représentation politique. Comme si l'on était passé d'une politique du texte, véhicule d'idées, à une politique de l'apparence, génératrice d'émotions.

15 Le bruit des foules politiques occidentales paraît s'éteindre peu à peu.

com que o orador falasse a plenos pulmões; e a segunda, que levou a uma pacificação da voz que, registrada, conseguia chegar aos espectadores sem grandes esforços.

Quarto fator. *Pacificação do corpo e bemolização da voz*. A imposteria da voz certamente sofreu alterações ao longo da popularização das tecnologias de comunicação de massa. “É verdade isto sobre a voz, cujas tonalidades foram espetacularmente adocicadas desde o tempo em que Jaurès podia, sem microfone, fazer-se ouvir por milhares de espectadores. A voz era ela própria um espetáculo”¹⁶ (Courtine, 1990, p.158, trad. nossa). A voz foi “adocicada” em função dos processos de captação, amplificação e transmissão do som (microfones): “as manifestações vocais do discurso político entraram na era dos sussurros”.¹⁷ (Courtine, 1990, p.159, trad. nossa).

A gestualidade do corpo também passou por restrições. Após a ascensão dos regimes fascistas na Europa, incentivada pela crise da bolsa de 1929 e representada pelas figuras de Mussolini, na Itália; Franco, na Espanha; Hitler, na Alemanha; Salazar, em Portugal (a gestualidade exagerada e a voz tonitruante eram a principal característica do discurso pronunciado por esses líderes), os grandes gestos foram domesticados. No entanto, o corpo não se tornou inexpressivo. De fato, os gestos eram mais esboçados que abertos em exagero: “o corpo, restrito a uma quase-imobilidade pela postura sentada da conversa televisionada, não saberia todavia permanecer inexpressivo.”¹⁸ (Courtine, 1990, p.159, trad. nossa). As expressões do rosto, por outro lado, eram mais demandadas. Com as técnicas da filmagem, como o *close*, por exemplo, o homem político devia deixar transparecer suas emoções.

16 C'est vrai encore de la voix, dont les tonalités se sont spectaculairement adoucies depuis le temps où Jaurès pouvait, sans micro, se faire entendre de milliers de spectateurs. La voix était à elle seule un spectacle.

17 Les manifestations vocales du discours politique sont entrées dans l'ère des chuchotements.

18 Le corps, contraint à une quasi-immobilité par la posture assise de la conversation télévisée, ne saurait cependant demeurer inexpressif.

A proximidade do olhar que o vasculha [o rosto] bane a teatralidade da máscara; ela amplificaria a pose facial, fazendo-a transformar-se em caricatura ou em careta. Mas ela interdita também a imobilidade de um “rosto de madeira”. A cada um, ela demanda uma obrigação em expressar-se, de exibir à flor da pele os índices de uma emoção, forjada ou sentida. Ela promove, na troca verbal, modos de sociabilidade corporal aos quais é preciso submeter-se: a televisão é o país do sorriso. O orador político teve, por bem ou por mal, que aceitar em tornar seu rosto agradável.¹⁹ (Courtine, 1990, p.159-160, trad. nossa)

Disso derivam as duas conhecidas dicotomias de Courtine (1990):

i. *Distância próxima*: o olhar é distante e o corpo está próximo. A multidão assiste ao comício, mas nem todos enxergam os detalhes do orador político. Todos estão submetidos ao “olhar distanciado” do orador tradicional. A amplitude dos movimentos corporais e a altura da voz determinam a escuta da multidão. Compensa-se com a “abertura” dos gestos a distância física.

ii. *Proximidade longínqua*: o olhar é próximo e o corpo está distante. É a era das massas, um olhar (da câmera) extremamente próximo varre o rosto do homem político. A fidelidade do som interdita problemas de compreensão. As pequenas falhas de comunicação – tiques faciais ou leves lapsos – são registrados e ampliados como em uma lupa.

Quinto fator. *Teatro político, violência simbólica*. Como balanço do que foi dito, Courtine (1990, p.163, trad. nossa), afirma que “é

19 La proximité du regard qui le fouille [le visage] proscrit la théâtralité du masque ; elle amplifierait la pose faciale, la faisant virer à la caricature, ou à la grimace. Mais elle interdit tout autant l’immobilité d’un «visage de bois». A chacun, elle fait une obligation de s’exprimer ; d’afficher à fleur de peau les indices d’une émotion, feinte ou ressentie. Elle promet dans l’échange verbal des modes de sociabilité corporelle auxquels il faut se soumettre: la télévision est le pays du sourire. L’orateur politique a dû, bon gré mal gré, accepter d’en agrémente son visage.

preciso portanto parar simultaneamente de diabolizar e de beatificar a televisão, e refletir sobre a produção, a circulação e a apropriação das imagens”.²⁰ As tecnologias audiovisuais modificaram o discurso político, objeto da análise do discurso. O que Courtine faz é inscrever problemas no seio de uma teoria à qual ele talvez não mais pertença (atualmente) ou queira pertencer.

Encontramo-nos novamente no seio de um problema, desconfortável tanto do ponto de vista teórico como analítico. Encontramo-nos em terreno instável se se tratar de analisar novos objetos sem as contribuições foucaultianas. O mirante foucaultiano para a análise de discursos acrescentou à tradição pècheutiana alguns elementos que ajudam a abordar objetos contemporâneos, que não têm necessariamente o elemento político-partidário em primeiro plano. O papel de Courtine, a partir das reflexões de semiologia histórica presentes em *Les glissements du spectacle politique*, é o de alertar para outros sistemas de signos que compõem o homem político. Aos seus enunciados verbais somam-se a entonação, o gesto, a imagem corporal e as expressões faciais. No momento em que Courtine iniciou essas reflexões, o homem político era o centro das preocupações, pois a fala pública sofria profundas mutações. Pensando a partir dessa perspectiva, somos por vezes levados a acreditar que a semiologia histórica corria o risco de ser mobilizada para análise de objetos que não eram os seus.

Os elementos elencados acima por Courtine contribuíram para uma mudança de paradigmas da análise do discurso, cujo principal objetivo era compreender a sociedade e operar sua transformação. Em *Uma genealogia da análise do discurso*, Courtine (2006, p.38) afirma que “tampouco podemos continuar a celebrar as virtudes da análise do discurso praticada à maneira antiga, no que respeita à aliança que ela desejava realizar entre história e linguística, como se nada tivesse acontecido”. Esse ponto nos conduz a questionamentos referentes à chegada da análise do discurso no Brasil, no mo-

20 Il faut donc cesser tout à la fois de diaboliser et de béatifier la télévision, réfléchir sur la production, la circulation et l'appropriation des images.

mento em que ela foi suspensa na França. Se, no Brasil, começou-se a ler os textos de análise do discurso pelos grupos de pesquisa no início dos anos 1980, podemos dizer por conseguinte que se celebra aqui, por esses grupos, há mais de trinta anos – desde o momento de seu florescimento no Brasil, ao menos – uma análise do discurso “à maneira antiga”...

Ou seja, como se as transformações sociais, as agitações políticas, as mutações tecnológicas, os desmoronamentos ideológicos que conhecemos num passado recente não tivessem problematizado radicalmente o projeto que era aquele da análise do discurso, a ponto de tornar sua própria existência problemática. É preciso que trabalhem, desde a metade dos anos 1980 [na França], numa paisagem teórica em ruínas. (Courtine, 2006, p.38-39)

O projeto teórico de análise do discurso, tal como pensada por Pêcheux com relação aos discursos políticos, na França, na metade dos anos 1980, é interrompido. E mesmo diante dessa paisagem teórica em ruínas, Courtine (2006, p.41) ainda se pergunta: “Ele ainda é sustentável? Podemos duvidar disso, diante da leitura de um número relativamente recente da revista *Langages*,²¹ que faz o balanço dos trabalhos realizados e que quer abrir novas perspectivas.” Courtine refere-se sobretudo aos trabalhos de P. Sériot²² nos quais toda a perspectiva histórica foi abandonada. O enfraquecimento das ideologias provocou toda uma reordenação do aparato teórico da análise do discurso: “Os métodos de análise do discurso são, à sua maneira e nas suas transformações, um reflexo das muta-

21 Referência ao número 81 da revista *Langages*. Confira *Analyse du discours: nouveaux parcours* (Homage à Michel Pêcheux), organizada por Denise Maldidier, *Langages*, n. 81, março de 1986.

22 Além do trabalho de P. Sériot, todos os outros artigos do número 81 da revista *Langages*, com exceção do trabalho de J. Guilhaumou e D. Maldidier, e também o de R. Robin; abandonam pura e simplesmente a articulação do texto ou da sequência oral com as condições históricas. Cf. Sériot (1986, p. 11-42).

ções do próprio objeto, nas suas modalidades de existência material, nas suas percepções individuais e coletivas” (Courtine, 2006, p.50).

Como podemos observar em *Les glissements du spectacle politique*, a mídia foi a grande responsável pelas mutações do discurso político, e isso abriu as vias para se pensar a semiologia histórica por meio da análise do discurso, uma vez que, para Courtine (2006, p.57),

a transmissão da informação política, atualmente dominada pelas mídias, apresenta-se como um fenômeno total de comunicação, representação extremamente complexa na qual os discursos estão imbricados em práticas não verbais, em que o verbo não pode mais ser dissociado do corpo e do gesto, em que a expressão pela linguagem se conjuga com a expressão do rosto, em que o texto torna-se indecifrável fora de seu contexto, em que não se pode mais separar linguagem e imagem.

A partir dessas reflexões, sinalizamos para o lugar da imagem na análise do discurso, sobretudo no que concerne sua articulação com o signo linguístico. No entanto, a semiologia histórica também apresenta limites, e não é adequada para a análise de qualquer tipo de imagem, pois nasceu do confronto entre a voz e a imagem do homem político.